

**projeto vivermelhor** REALIZAÇÃO: **GRUPORAC** PATROCÍNIO: **Amil**

Destacar temas ligados à saúde e ao bem-estar, enfatizando condutas simples que possam promover uma vida muito mais saudável, em todas as idades. Este é o objetivo do *Projeto Viver Melhor*, que o **Correio Popular** trará neste espaço, todos os domingos, de abril a novembro deste ano, em parceria com a **Amil**.

SAÚDE | BEM-ESTAR

# O tratamento que começa pelos olhos

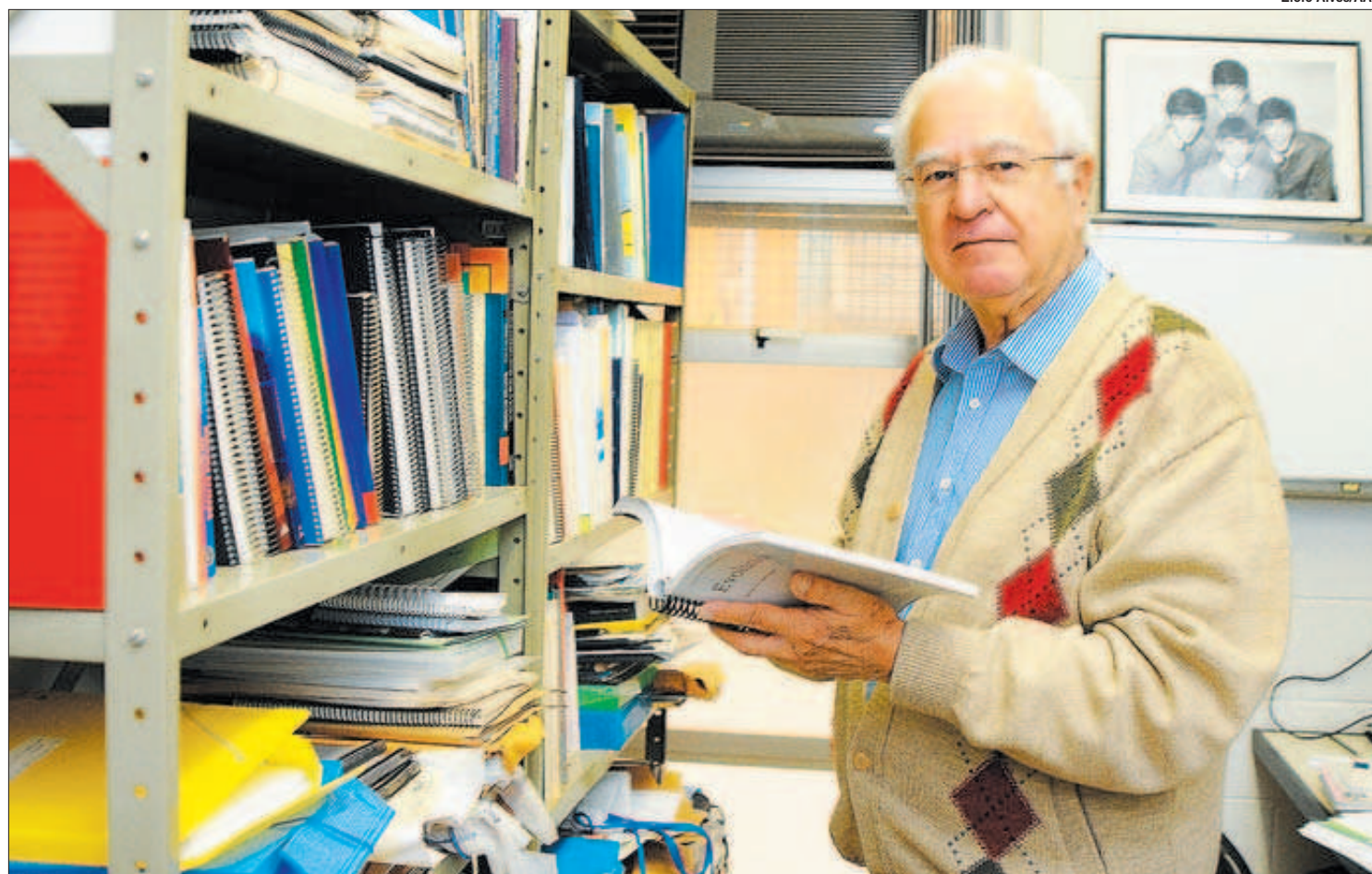
Primeiro passo para combater obesidade é identificar o problema — o que é difícil para muitos pais

Inaê Miranda  
DA AGÊNCIA ANHANGUERA  
inae.miranda@rac.com.br

O primeiro passo para combater a obesidade infantil, que afeta uma em cada três crianças e adolescentes, é o reconhecimento de que o problema existe. O maior obstáculo, entretanto, está justamente em identificar os filhos como obesos. Diversos estudos apontam que as mães classificam as crianças como tendo um peso normal ou um pouco alto, nada que mereça a atenção de um especialista. Não à toa, mais da metade dos pacientes acompanhados no Ambulatório de Obesidade na Infância e na Adolescência da Universidade Estadual de Campinas são encaminhados por profissionais da rede básica. Negligenciar a obesidade na infância pode tornar ainda mais difícil combatê-la.

## Negligenciar a doença é obstáculo a mais no seu enfrentamento

Para compreender a percepção materna sobre a natureza da obesidade dos filhos e entender como isso pode afetar os cuidados com a criança, a psicóloga Ana Paula Paes de Mello de Camargo, sob a orientação do professor titular do Departamento de Pediatria da Unicamp, Antonio de Azevedo Barros Filho, e coorientação do professor Joel Sales Giglio, entrevistou um grupo de mães de crianças e adolescentes com obesidade exógena em tratamento no ambulatório da Unicamp. O trabalho permitiu à pesquisadora identificar que a percepção materna inadequada influencia negativamente a relação da mãe com a criança e provoca um impacto negativo nos hábitos cotidianos, como a ingestão inadequada de alimentos e baixa frequência de atividades físicas.



O pediatra Antonio de Azevedo Barros Filho, professor da Unicamp: maioria dos encaminhamentos é feito por profissionais da rede de saúde

**1/3**  
DAS CRIANÇAS

Sofre de obesidade ou sobrepeso, segundo a Organização Mundial da Saúde

**75**  
POR CENTO

Dos pais de crianças obesas em uma pesquisa responderam que o filho não tinha problemas

**35**  
POR CENTO

Das crianças de um estudo da Unicamp eram obesas, mas só 20% das mães sabiam disso

**80**  
POR CENTO

Das crianças e adolescentes obesas continuam com o problema na vida adulta

O estudo demonstrou que, se por um lado a mãe relata a insatisfação com o próprio corpo, por outro tenta minimizar a condição de excesso de gordura corporal do filho. Em outro estudo brasileiro foram avaliadas 400 crianças e aproximadamente 35% delas apresentavam

excesso de peso, mas apenas 20% das mães estavam cientes da questão. Um estudo recente, publicado no periódico *Acta Paediatrica*, mostra que 75% das mães e 77% dos pais de crianças com sobrepeso disseram que o filho tinha peso normal. Quase metade das crianças obesas foi classificada

por seus pais como tendo peso normal ou um pouco alto. Os números justificam o motivo pelo qual as crianças são encaminhadas aos serviços de saúde para tratamento de obesidade principalmente pela iniciativa dos profissionais de saúde, e raramente por reconhecimento das mães. "Normalmente,

o profissional identifica o quadro e encaminha. Eventualmente, alguma pessoa que conhece a família conversa e pede para encaminhar a um profissional", afirmou Barros Filho. Algumas mães, mesmo depois do encaminhamento, não se davam conta porque estavam ali. "A gente mesmo está

**"Muitos profissionais também não consideram a obesidade e tratam apenas a queixa que ela ou os pais levam."**

**ANTONIO BARROS FILHO**  
Pediatra

perdendo essa visão pela grande quantidade de crianças obesas", disse.

Essa visão distorcida dos pais pode trazer uma série de consequências à saúde, relacionadas à obesidade, como diabetes, doenças coronarianas e alta taxa de colesterol. O médico também alerta que uma vez obesa — e quando não há uma intervenção no sentido de mudar os hábitos alimentares e incentivar a prática de atividade física —, dificilmente a pessoa deixa de ser obesa. "O ideal é trabalhar o mais cedo possível", orienta o especialista.

O médico afirmou que está tentando organizar um grupo de trabalho na Sociedade Pediátrica de São Paulo para alertar famílias e profissionais sobre a percepção da obesidade. "O objetivo é chamar a atenção para que não apenas a família, mas que os profissionais percebam que a criança está com excesso de peso e não negligenciem o problema. "Muitos profissionais também não consideram a obesidade e quando a criança vai ao consultório tratam apenas a queixa que ela ou os pais levam, como diarreia, dor de garganta."

— VAMOS COMBATER JUNTOS —  
**A OBESIDADE INFANTIL.**

FAÇA PARTE DO MOVIMENTO SAÚDE 360  
[www.portalsaude360.com.br](http://www.portalsaude360.com.br)

SAÚDE360 Amil

ANS - nº 326305